

POVOS INDIGENAS  
NO BRASIL / CEDI  
DOCUMENTAÇÃO  
COD. 008 DATA 2/11/85

LEVANTAMENTO SOBRE A EXISTÊNCIA DE ÍNDIOS ARREDIOS

NOS LIMITES DA FAZENDA MUDANÇA - MT

CEDI - P. I. B.  
DATA 31/12/86  
COD. UKD10

INTRODUÇÃO

No início do mês de setembro (1984), foi incumbido pelo Sr. Apoena Meireles, Delegado da 8ª Delegacia Regional da FUNAI - Fundação Nacional do Índio -, sediada em Porto Velho-RO, de constatar a veracidade de informações que falavam sobre a existência ' de índios arredios que há vários anos perambulam pelas imediações' das fazendas da região, sobretudo dentro dos limites da Fazenda Mu dança, no município de Aripuanã, Estado de Mato Grosso. Inclusive, segundo informações, um de seus membros, uma índia (Rita) com ida- de aproximada entre 18 a 23 anos, estaria vivendo há mais de um a- no e meio em contato permanente com a população envolvente, ora mo rando em uma fazenda, ora em outra. Atualmente ela estaria morando na Fazenda Concisa, à margem direita do rio Roosevelt.

Depois de ter conversado pessoalmente com o Sr. José ' de Oliveira, gerente da Fazenda Mudança, e, posteriormente, atra- ' vés de contato telefônico, com o Sr. Celso Ferreira Penso, propri- etário da mesma, sobre o trabalho a ser realizado nos limites e i- mediações da fazenda, foi-me permitido, pelo tempo que julgasse ne cessário, a entrada e permanência, assim como o uso de instalações da referida área.

Na manhã do dia 22/09/84, após acerto feito no dia an- terior com o Sr. Mauro Leonel - membro da equipe de avaliação do ' POLOMOROESTE -, foi fretado o avião do Sr. João Piloto para que ' nos levasse, juntamente com o Sr. José de Oliveira e o Sr. Catari- no - Cacique do povo Gavião (DIGUT) -, o qual tivemos que buscar ' no P. I. Arara, onde se encontrava temporariamente como encarrega- do do Posto, à Fazenda Concisa para buscarmos a Rita e, posterior- mente, à Fazenda Mudança, onde eu iria ficar, juntamente com ela ' para dar início ao trabalho proposto.

Ao chegarmos à Concisa, fomos recebidos pelo Sr. Manoel, capataz da mesma, que após tomar conhecimento, através de Mauro Leonel, sobre os motivos de nossa visita, não fez nenhuma objeção a que levássemos a Rita para a Fazenda Mudança. Depois de sermos apresentados à Rita, eu e o Catarino fomos deixados a sós com ela para tentarmos entabular um diálogo, averiguando, assim, se ela pertenceria a algum povo do tronco Tupi e família Mondé (Cinta Larga, Gavião, Suruí e Zoró), ou à Família Rama-Rama (Arara - KARO). Após termos dito algumas palavras nas línguas acima citadas, pensamos estar sendo entendidos, tamanha a facilidade com que Rita repetia as palavras que pronunciávamos. E, devo confessar que ao sairmos tínhamos quase certeza de que o grupo ao qual Rita pertence seria Tupi-Mondé. Porém, mais tarde, quando eu e Rita já havíamos sido deixados na sede da Fazenda Mudança, pude constatar que estávamos enganados. Esse grupo, creio, realmente pertence ao Tronco Tupi, mas não à Família Mondé ou Rama-Rama.

Saindo da Fazenda Concisa, fomos para a Fazenda Mudança onde eu e Rita seríamos deixados em companhia do Brás, cozinheiro e, na época, única pessoa a zelar pela sede Mudança; Mauro Leonel e Catarino seriam deixados no P. I. Lourdes, enquanto que o Sr. José retornaria com o Sr. João Piloto a JI-Paraná. Antes de ir embora, o gerente mostrou-me a casa onde eu e Rita iríamos nos alojar. Nesta casa havia dois quartos. Eu escolhi o que tinha cama de solteiro, mesa e cadeira; deixando o outro, com apenas uma cama de casal e uma pequena mesa para a Rita.

Quando o "Cumpadre", um índio com aproximadamente 50 a 55 anos, chegou à sede da fazenda, no dia 12/10, ele passou a dormir junto com a Rita. Sobre a chegada do "Cumpadre" (ver anexo 3).

Nos dias que precederam o meu retorno a JI-Paraná, que se deu no dia 30/10, a Rita e o Cumpadre, que, diga-se de passagem, tornaram-se bons amigos, insistiram para que eu marcasse uma data para voltar, então, eu lhes disse que em breve retornaria para ir com eles até à aldeia.

Os dados sobre a fazenda, assim como sobre a geografia da região (ver mapa, anexo 1), foram obtidos, em sua maioria, através dos seringueiros que há vários anos moram ao longo do rio Branco, em sua margem direita. Sendo, portanto, bons conhecedores da região.

Contando com a colaboração de Rita e do Cumpadre, eu consegui gravar tres fitas na língua desse povo. As fitas acompanham o relatório.

Ji-Paraná, 09.11.84

João Lobato

## 1. LOCALIZAÇÃO, HISTÓRICO E ATUAL SITUAÇÃO DA FAZENDA MUDANÇA

### 1.1 LOCALIZAÇÃO

A Fazenda Mudança, de propriedade do Sr. Celso Ferreira Penso, com uma área de aproximadamente 400 mil hectares, está localizada a noroeste do Estado de Mato Grosso, no município de Aripuanã - a 45 minutos de voo de Ji-Paraná-RO.

Esta fazenda, situada entre os rios Branco e Madeirinha tem a seguinte delimitação:

Sul: Partindo da confluência de um Igarapé de nome desconhecido com o Rio Madeirinha, sobe pelo referido Igarapé até sua cabeceira donde, por uma linha reta e seca, vai atingir as proximidades da cabeceira de um outro Igarapé de nome desconhecido. Daí desce até a sua confluência com o Rio Branco.

Leste: Desse ponto desce o Rio Branco até as proximidades de sua confluência com o Rio Roosevelt.

Norte: Deste ponto liga-se por uma linha seca ao Igarapé Duelo. Daí sobe até próximo à sua cabeceira donde, por uma linha diagonal e seca, atinge a cabeceira de um Igarapé de nome desconhecido. Desce, então, este Igarapé até a sua confluência com o Rio Madeirinha.

Oeste: Deste ponto sobe o Rio Madeirinha até a confluência com um Igarapé de nome desconhecido.

Estes dados carecem de posterior averiguação, pois estas informações foram obtidas junto aos seringueiros que são, não obstante sua participação quando da delimitação da área, divergentes quanto aos reais limites. Alguns afirmam que os limites a oeste estendem-se para além da margem esquerda do Rio Madeirinha, onde, inclusive, há currais e pastos construídos pela fazenda e hoje abandonados devido a extinção da atividade pastoril.

Ainda quanto à definição dos limites da referida área, o Sr. Celso chegou a ter desavenças com a Mineração São Francisco, pois reivindicava para si a posse da pista de pouso à margem direita do Igarapé Tiririca, mas acabou perdendo-a para a Mineração.

## 1.2 HISTÓRICO

A Fazenda Mudança, assim como as fazendas Castanhal e Concisa, foi aberta em 1970 por empreitada do Sr. Raul Espanhol. Entretanto, os picadões para delimitá-las só foram feitos em 1972.

Quando da abertura, a área estava em nome de uma sociedade chamada "Grupo Cidade de Assis". Hoje, segundo informações, esta sociedade está extinta, tendo o Sr. Celso adquirido a parte dos outros sócios.

No início, para ocupar a área em toda a sua extensão, foram construídas duas sedes: uma à margem direita do Rio Madeirinha, que ficou sendo chamada "Fazenda Madeirinha"; a outra, construída à margem esquerda do Rio Branco foi denominada "Fazenda Mudança". Não obstante a essa divisão nominal, a área não foi dividida, ficando conhecida em toda a sua extensão apenas pelo nome de "Fazenda Mudança".

No período de 1973 a 1976, a Mineradora EMAL realizou um amplo trabalho de pesquisa de cassiterita no interior da área pertencente à Fazenda Mudança, construindo, então, uma terceira sede para servir de base de apoio à pesquisa. Esta sede, distante 35 quilômetros da sede Mudança, recebeu o nome de "Central" por estar bem no interior da área. Como as pesquisas não deram o resultado esperado, a Mineradora retirou-se da área, e ao fazê-lo, a sede "Central" com todas as suas instalações, como rezava o contrato precedente à pesquisa, passou a se constituir patrimônio da fazenda.

Esta "Sede Central", em alguns mapas do Estado, mesmo os mais recentes, é indicada como área de pesquisa da CODEMAT.

Na época da pesquisa, foi aberto um picadão que faz ligação entre as tres sedes: Mudança, Central e Madeirinha. Seguindo do Rio Branco, a leste, para o Rio Madeirinha a oeste, este picadão passa por cinco grandes igarapés. São eles: Igarapé dos Índios (distante 15 km da sede Mudança), Igarapé das Garças - estes dois igarapés estão localizados entre as sedes Mudança e Central -, Igarapé Duelo, Igarapé das Panelas e Igarapé dos Veados - estes encontram-se entre as sedes Central e Madeirinha.

### 1.3 SITUAÇÃO ATUAL

A Fazenda Mudança, atualmente administrada pelo Sr. José de Oliveira, já teve os seus áureos tempos, quando tinha como principal e única atividade econômica a criação de gado, possuindo na época um grande rebanho que demandava grande mão-de-obra. Hoje, com a desativação da atividade pastoril, a fazenda não possui nenhuma outra atividade econômica, estando quase que abandonada, só havendo na área tres empregados, dois na sede Mudança e um na sede Madeirinha, para não a deixarem totalmente desguarnecida. A sede Central está totalmente abandonada.

Os meios de transportes utilizados para contato entre as sedes e fazendas vizinhas são os cavalos e, quando os leitos dos rios não se encontram muito secos, os barcos.

O meio de comunicação utilizado é o rádio, existem dois na área da fazenda, um na sede Mudança e outro na sede Madeirinha, através do qual mantem-se, quando necessário, contatos diários com Ji-Paraná-RO e Assis-SP.

Observações: O Sr. Celso sempre foi contrário à visita e permanência de índios nas sedes das fazendas. Alegando que estas visitas poderiam trazer problemas com a FUNAI, ele sempre deu ordem aos seus empregados para mandarem os índios embora.

O gerente diz que o Sr. Celso "é uma boa pessoa, pois se ele fôsse ruim, poderia ter mandado matar os índios que fossem chegando à fazenda e ninguém ia saber que tinha índios na terra dele".

Diz o gerente que o Sr. Celso, ao saber que a FUNAI ia contatar os índios da área, foi à Brasília ára resolver a situação referente a existência de índios em suas terras.

Segundo informações, o Proprietário da Fazenda Mudança está para chegar, acompanhado de possíveis compradores para suas terras.

## 2. HISTÓRICO, LOCALIZAÇÃO E ÁREA DE PERAMBULAÇÃO DESSES ÍNDIOS

### 2.1 HISTÓRICO

Na década de cinquenta, os seringueiros, incomodados pela presença de índios nas margens dos rios Branco e Roosevelt, que, tentando proteger suas terras da crescente invasão pelas frentes de expansão, lhes impediam de abrirem estradas de seringa e implantarem seringais, promoveram várias "correrias" contra os povos indígenas da região, arrasando inúmeras aldeias e provocando grandes mortandades no seio destes povos.

Todos os seringueiros da região tem conhecimento dos conflitos existentes nas décadas passadas, mas suas opiniões são divergentes ao apontarem os povos que percorriam as margens dos rios da região atemorizando os "brancos" que queriam se implantar na área. Alguns afirmam que eram os índios Zoró que atacavam as frentes pioneiras, enquanto que outros afirmam que os mesmos índios que hoje se encontram dentro dos limites da Fazenda Mudança também atacavam os seringueiros com o intuito de expulsá-los de suas terras.

O Sr. "Sitonho", dono de seringal das margens dos rios Branco e Roosevelt, informou-me que os índios que moram no Igarapé Preto, próximo à Mineração São Francisco, afirmaram que esses índios que hoje visitam as sedes da Fazenda Mudança foram levados, em décadas passadas, pelo então Serviço de Proteção ao Índio (SPI) para uma aldeia no Rio Machado, mas por não se adaptarem ao convívio com os outros índios, o que gerava constantes desavenças, eles, em um grupo de 10 a 15 índios, se refugiaram na área onde hoje se encontram. O informante afirma, ainda, que uma outra parte do grupo se dispersou para outra região.

Parecendo concordar com estas informações, a Rita afirma que o seu povo já morou em outro local de onde fugiram após muitos de seus parentes terem sido mortos. Porém, alegando que era muito pequena na época, ela não sabe informar sobre o nome da área onde viviam, apenas diz que era às margens de um rio denominado por eles de Kaguaíba nãã.

Por outro lado, os seringueiros das margens do Rio Branco, antigos moradores da região, afirmam que esses índios que hoje perambulam pelas fazendas sempre viveram nessa região.

Onde hoje se encontra a sede da Fazenda Mudança, era uma antiga aldeia, habitat tradicional de um povo que, talvez, expulso pelas "correrias", teve de se deslocar para outra região. Este fato é comprovado pela existência de um grande sítio arqueológico ao redor da sede, sobretudo na pista antiga da sede, que vai até a beira do Rio Branco, onde são encontrados uma infinidade de cacos de panelas de barro e pedras de machado. Na época da abertura dessa pista foram desenterradas por um trator esteira que nivelava o terreno, várias panelas intactas.

Segundo informações, na época da abertura da Fazenda vários índios foram mortos por tentarem impedir que suas terras fossem invadidas e devastadas, sendo transformadas em pastos. Estas informações são confirmadas por alguns seringueiros que disseram ser bastante comum na época da construção das sedes e picadões os encontros com os índios, que sempre estavam lhes vigiando, escondidos no mato.

Hoje, além das já antigas colocações de seringueiros e a crescente expansão da atividade pastoril na região, uma outra frente de expansão (garimpo) começa a atuar na área da Fazenda Mudança, colocando, uma vez mais, em perigo de extinção o já dizimado grupo indígena que habita essa área.

## 2.2 LOCALIZAÇÃO

De acordo com as informações, a aldeia destes índios estaria localizada um pouco abaixo da cabeceira do Igarapé Duelo, afluente do Rio Roosevelt.

As malocas estariam próximas a uma cachoeira e ao pé de uma grande serra de pedra. Estas malocas, inclusive já foram avistadas em sobrevôo.

Os garimpeiros, que começam a chegar na região, em suas pesquisas pelo mato à procura de uma "pinta" de ouro, encontraram uma picada feita pelos índios, assim como algumas ferramentas e pa-



nelas de alumínio que, segundo o gerente, teriam sido roubadas das casas da sede Central. Esta picada tem um metro e meio de largura e é bastante limpa, estando localizada à margem esquerda do picadão feito pela fazenda para ligar as tres sedes. A picada, que tem o início dentro da mata, não se ligando ao picadão, dista uns 10 km da sede Central.

Esses índios podem, também, estar localizados nas margens do Igarapé Rosa, afluente do Rio Madeirinha. esta confluência se dá na margem direita do Rio Madeirinha, portanto, dentro dos limites da Fazenda Mudança.

O Cumpadre, em suas conversas, sempre menciona o nome do Igarapé Tiririca (área pertencente à Mineração São Francisco). Porém, a Rita informa que esse era um local de perambulação, não havendo nenhuma maloca nas proximidades.

### 2.3 ÁREA DE PERAMBULAÇÃO

Este grupo parece manter o seu sistema tradicional, quiçá arrefecido por uma provável depopulação. Segundo depoimento de Rita, a população deste grupo deve estar entre 15 a 30 indivíduos, sendo o número de mulheres bem inferior ao dos homens.

Este é um grupo nômade e, como tal, a área de perambulação é bastante extensa. Eles andam por toda a extensão dos limites da Fazenda Mudança, chegando até aos limites com a Mineração São Francisco, ao norte, e os limites com a Fazenda Castanhal, ao sul.

O acampamento mais próximo da sede da Mudança, encontra-se a uns 8 km de distância, construído do lado esquerdo de quem vai pelo picadão do Mutum rumo à Castanhal.

os seringueiros afirmam que muitos anos antes de estes índios aparecerem nas sedes da Fazenda Mudança, eles já perambulavam pelas imediações de suas colocações para, aproveitando o momento que eles, os seringueiros, iam para as estradas de seringa, apanharem mandiocas e cará em suas roças.

### 3. SAÚDE

Se eu fosse tirar conclusões sobre a situação de saúde deste grupo, baseado apenas na observação dos dois índios com os quais tive contato, eu diria que esse grupo é bastante saudável, alegre e expansivo. Mas infelizmente, a realidade não é essa. Infelizmente, segundo o depoimento de Rita, o índice de natalidade supera o de mortalidade, e isso acontecendo entre um grupo com uma população estimada entre 15 a 30 indivíduos, leva-me a afirmar que, se não forem tomadas medidas urgentes, este grupo estará fadado ao desaparecimento em curto espaço de tempo.

Eis alguns casos que confirmam a veracidade desta conclusão: O marido de Rita, Jair, morreu vitimado por uma espinha de Tucunaré atravessada na garganta; os seus dois filhos também morreram, um foi morto pelo próprio tio - irmão de Rita -, e o outro morreu vitimado por uma forte diarreia; um outro membro do grupo teve sua cabeça destrocada por uma patada de onça. Notem que no fato do próprio tio ter matado o sobrinho, possa estar havendo aí uma forma tradicional de controle de natalidade e, se isto realmente estiver acontecendo, este grupo estará, desgraçadamente, caminhando com os seus próprios pés rumo a sua extinção.

Quando de uma visita à sede da fazenda Mudança, alguns índios contraíram forte gripe, tendo voltado para as malocas ainda gripados. Não se sabe ainda as consequências desse contágio.

Segundo a Rita, as pessoas ao morrerem são enterradas dentro da maloca onde viviam.

### 4. LINGUAGEM

Enquanto gravava umas fitas, eu ficava pensando ser uma pena que o gravador restrinja os dizeres de um povo, captando-lhes somente os sons provenientes da fala. Ele, não consegue captar os gestos, as expressões faciais, emocional e artística, principal meio de expressão. Esse grupo a que estou me referindo, por exemplo, é a viva expressão da dança enquanto linguagem, eles enquanto conversam dão saltos, batem palmas, correm, enfim, se expressam muito ma-

is através de gestos do que por linguagem de sons.

Esse grupo tem dificuldades de pronunciar em português as palavras que contêm consoante, consoante e vogal. Ex.: Tracajá eles pronunciam aracachá. Também nas palavras que contêm a letra "J" + vogal na língua portuguesa, eles trocam o "J" pelo "CH". Ex.: Caju eles pronunciam cachu; Tracajá fica aracachá. A pronúncia é bem fechada e essa língua possui uma variação de tons que a tornam de difícil compreensão.

## 5. CULTURA MATERIAL

### 5.1 ARMAS

Segundo informações de Rita, os homens possuem flechas, porém, esses índios nunca apareceram em suas visitas portando-as. Apenas um deles, certa vez, foi visto, quando apanhava mandiocas na roça de um seringueiro, com um arco e umas quatro flechas. Há também, informações de que esses índios já foram vistos com bordunas bem trabalhadas.

O Cumpadre quando chegou à sede, disse-me ter matado há pouco tempo, uma onça com uma machadada na cabeça.

Realmente fica difícil de saber se esse povo encontra-se armado ou não. Por outro lado, acredito que o costume que o Cumpadre tem de sempre andar com um pedaço de pau na mão, possa ser indicador do uso da borduna como única arma. Porém, essa afirmação se escamoteia quando a Rita afirma que as cordas dos arcos são tecidas pelas mulheres com fibras de algodão.

### 5.2 MORADIA E ALIMENTAÇÃO

Esse grupo moram em malocas grandes e quase que totalmente fechadas, havendo somente uma pequena abertura como porta. Em seus roçados plantam mandioca, batata, cará e algodão. Segundo a Rita, eles não plantam o milho. Não há informações se eles plantam algum tipo de frutas como complementação alimentar.

As roças não devem suprir completamente as necessidades do grupo, pois constantemente, eles acampam na sede Central, ho

je abandonada, para colherem tubérculos em suas antigas roças.

Os homens tem como principal atividade a caça e a coleta de alimentos na mata. Para isso, percorrem grandes distâncias perseguindo macacos, mutum, anta, caititu, etc. A pesca é feita com flechas de duas pontas. Não há informações sobre o uso do timbó, o piolho e o carrapato pequeno, ainda são considerados como bons "petiscos".

Parece haver, no grupo um certo tabu alimentar, pois há algumas caças que só os homens podem comer. O jacaré não é consumido por nenhum dos dois sexos.

Esses índios dormem em redes tecidas com embira.

O fogo (tatá), é conseguido através da fricção de dois de dois pedaços de madeira (tatá íba). Uma dessas peças, a que fica apoiada no chão, tem o formato de uma forquilha, enquanto que a outra é um pau roliço e grande, que encaichando-se no "V" da 1ª peça, é girado entre as palmas das mãos, obtendo-se assim, em pouco tempo o fogo.

### 5.3 ADORNOS PESSOAIS

Os membros deste grupo indígena não possuem nenhum tipo de sinais ou marcas pelo corpo.

Como adorno cultural, os homens usam uma cinta feita de várias voltas de um cipó de média espessura que, por sua vez, é circundado parcialmente, por fibras de embira. Usam, também, uma proteção peniana que envolve toda a extensão do pênis. Esta proteção consiste em envolver o pênis com uma folha, tipo pacova, que, por sua vez, é circundada por várias voltas de um fino cipó. É uma espécie de canudo, fechado em uma de suas extremidades.

O Cumpadre, durante todo o tempo que permaneceu na sede nunca tirou a cinta e nem a proteção peniana, nem mesmo para tomar banho.

## 6. CONTATO E RELACIONAMENTO ENTRE ÍNDIOS E POPULAÇÃO ENVOLVENTE

### 6.1 O CONTATO

Desde a época da implantação das fazendas na região, sobretudo no período em que a Mineradora EMAL realizou as pesquisas na área da Fazenda Mudança, época em que foi maior a movimentação, que esses índios vem sendo cada vez mais acossados dentro de seu próprio território. Essa movimentação de homens indo e vindo em busca de veios minerais, resultava em encontros constantes e ocasionais entre índios e trabalhadores da Mineradora. Ante a estes encontros, os índios sempre se mostraram desconfiados e arredios a qualquer contato mais duradouro.

Desta época para cá, estes índios tem se aproximado, em frequentes excursões, das sedes das fazendas, curiosos pela movimentação de homens e máquinas ao redor das mesmas. Porém, sempre evitaram qualquer tipo de contato.

No início da década de 80, alguns membros desse grupo indígena começaram a ser vistos pelas imediações da sede da Fazenda Mudança e, também, próximos às colocações dos seringueiros, nas margens do Rio Branco, onde iam pegar alimentos em suas roças.

Antes da vinda de Rita para a sede da Fazenda Mudança, ela e outros índios já visitavam as colocações de seringueiros onde eram bem recebidos. Mas somente após a chegada de Rita à sede é que alguns índios começaram a manter um contato intermitente com a população envolvente. Mesmo assim, só um pequeno grupo de índios visita a fazenda, os outros ficam pelas imediações, sempre arredios a qualquer contato.

### 6.2 RELACIONAMENTO ENTRE ÍNDIOS E POPULAÇÃO ENVOLVENTE

O posicionamento da população envolvente ante a descoberta da existência de um grupo indígena em uma área que se julgava pertencer à Fazenda Mudança, até o momento é de disfarçada indiferença. Este comportamento tem a sua lógica a partir da visão de que a presença desse grupo indígena ainda não é vista como obstáculo ao

desenvolvimento de projetos econômicos das frentes que atuam em seu território. Porém, creio que, se não forem tomadas medidas urgentes, essa situação tende a mudar, pois outra frente de expansão (garimpo) começa a atuar na área em questão, sendo respaldada pelo gerente da fazenda Mudança, Sr. José de oliveira.

Creio que não se pode falar em relacionamento entre população envolvente e índios de uma forma generalizada, pois, o grupo indígena como um todo, é arredio a qualquer aproximação com os regionais. O que se tem, é a relação de dois ou tres índios que mantêm contato permanente, como é o caso de Rita, e contato intermitente, como é o caso do Cumpadre e mais uns dois que esporadicamente, visitam a sede da Fazenda Mudança para entrarem em contato com a Rita, exclusivamente para isso. Este ponto é importante, veja bem, os índios, dois ou tres, que visitam a fazenda, não vão lá para manter qualquer tipo de relação com os "brancos" e sim para visitar a Rita. E isso é confirmado pelo fato de que desde que a Rita foi levada, à força, para a Fazenda Concisa, eles nunca mais retornaram à Mudança. Ela ficou uns seis meses na Concisa, durante todo esse tempo esses índios não mais foram vistos, mas no mesmo dia que o Cumpadre, em encontro com os garimpeiros, ficou sabendo que ela havia retornado à Mudança, ele veio correndo para visitá-la.

Agora, creio que se possa falar de um relacionamento entre a população envolvente e a Rita, uma índia que há mais ou menos um ano e meio vive entre os regionais.

Quando a Rita chegou à sede da Fazenda Mudança, em junho de 1983, ela, negando-se a voltar para junto de seu povo, talvez devido a morte de seu marido e dois filhos, passou a morar na sede desta fazenda. Nesta sede, ela ficou por uns seis meses, sendo posteriormente, levada para morar em uma colocação com dois seringueiros, de onde, mais tarde, veio a fugir, voltando para a fazenda Mudança. Nesta época a que estou me referindo, só havia um empregado morando na Mudança junto com a Rita, e, aproveitando-se disso, o Sr. Manoel, capataz da Fazenda Concisa, que já havia demonstrado interesse em levar a Rita para a Concisa, após embebedar este empregado, levou-o, juntamente com a Rita, para a Concisa.

Quando fomos buscar a Rita na Fazenda Concisa, a encontramos bastante assustada e com o lábio inferior ferido, o que, segundo ela teria sido consequência de uns tapas que ela tinha recebido de duas crianças. Nesta fazenda, ela morava na casa do capataz junto com a família deste, onde segundo informações, era muito julgada. Muitos empregados dessa fazenda, com a total conivência do capataz, fazendo verdadeiras orgias sexuais. A Rita me informou, inclusive, que ela teve um aborto provocado por uma queda quando corria pela pista da Concisa. O feto, diz ela, foi jogado ao rio para ser comido pelas piranhas.

Em minha permanência na sede da Mudança, pude perceber que, mesmo com a minha presença por ali, as pessoas continuavam abusando de Rita. Porém, o que me deixava mais incomodado era perceber que quando eu ia averiguar o fato, a própria Rita negava a tentativa de qualquer abuso e depois, ainda ficava de cara fechada para mim. Mais tarde eu pude perceber que a própria Rita os induzia a transar com ela. Várias vezes a vi fazendo gestos de quem está "trepando", e em outras, a vi tentando agarrar o saco dos outros. Vendo porém, que isso era fruto de uma grande e constante sacanagem que o pessoal vem fazendo com ela, eu chamei o gerente e disse-lhe para que falasse pro pessoal mudar de comportamento para com Rita, que a partir daquele momento não se sentissem seduzidos por suas brincadeiras e gestos, que respeitassem a sua ingenuidade perante esse mundo "branco", pois este comportamento dela, longe de ser o seu jeito de ser, foi a única forma que lhe ensinaram para que se sentisse aceita por todos.

Depois dessa conversa com o gerente, senti uma mudança radical no comportamento dos empregados para com a Rita. começaram a respeitá-la, embora tratando-a como "um bichinho de estimação. porém, não tenho a menor dúvida de que com a minha partida, as coisas voltarão a ser como antes. Uma frase proferida pelo gerente sintetiza, de uma forma bem clara o comportamento deles para com Rita: "Até minha mãe, se abrir as pernas pra mim, eu como! Ela é mulher, não é?"

## 7. PERSPECTIVAS

Antes de mais nada, quero dizer que coloco-me a inteira disposição do Delegado da 8ª DR. da FUNAI, Sr. Apoena Meireles, para dar continuidade ao levantamento e atração desse Grupo Indígena. Porém, para iniciar essa segunda etapa, faz-se necessário que se im- plante um posto de atração, utilizando-se para isso, a sede do Cen- tral, local de frequentes excursões por parte dos índios da área, que ainda se encontra com suas instalações e pista em bom estado de conservação. Seria necessário também, a instalação de um rádio, po- is esta sede encontra-se totalmente isolada, sendo o local mais pró- ximo para se conseguir recursos, a sede da Mudança que dista 35 km da referida sede. E, ainda, para se formar uma equipe, seria neces- sário a liberação de duas pessoas, sendo uma delas, um intérprete.

Recomendo que se verifique junto ao INCRA - Regional Ma- to Grosso -, se a área da Fazenda Mudança se encontra legalmente re- gularizada em toda a sua extensão, ou seja, 400 mil hectares.

Diante dos fatos já apresentados, e acrescentando que esse Grupo Indígena se encontra totalmente a mercê das frentes que atuam na região, correndo o risco de contraírem doenças infecto-con- tagiosas, frequentes na população regional, o que os levaria, em um curto espaço de tempo, à extinção, proponho a imediata interdição de parte da área, observando-se a seguinte delimitação:

**Leste:** Partindo da confluência do Igarapé das Garças com o Rio Branco, desce por este rio até as proximidades de sua con- fluência com o Rio Roosevelt.

**Norte:** Deste ponto liga-se por uma linha reta e seca ao Igarapé Duelo. Desce por este igarapé até a sua cabeceira donde, por uma linha diagonal e seca, vai atingir a cabeceira do Igarapé dos Veados.

**Oeste:** Deste ponto por uma linha reta e seca, vai atin- gir o Igarapé Rosa, daí sobe por este igarapé até a interseção de seu braço norte com o Paralelo 10º 00' 00" S.

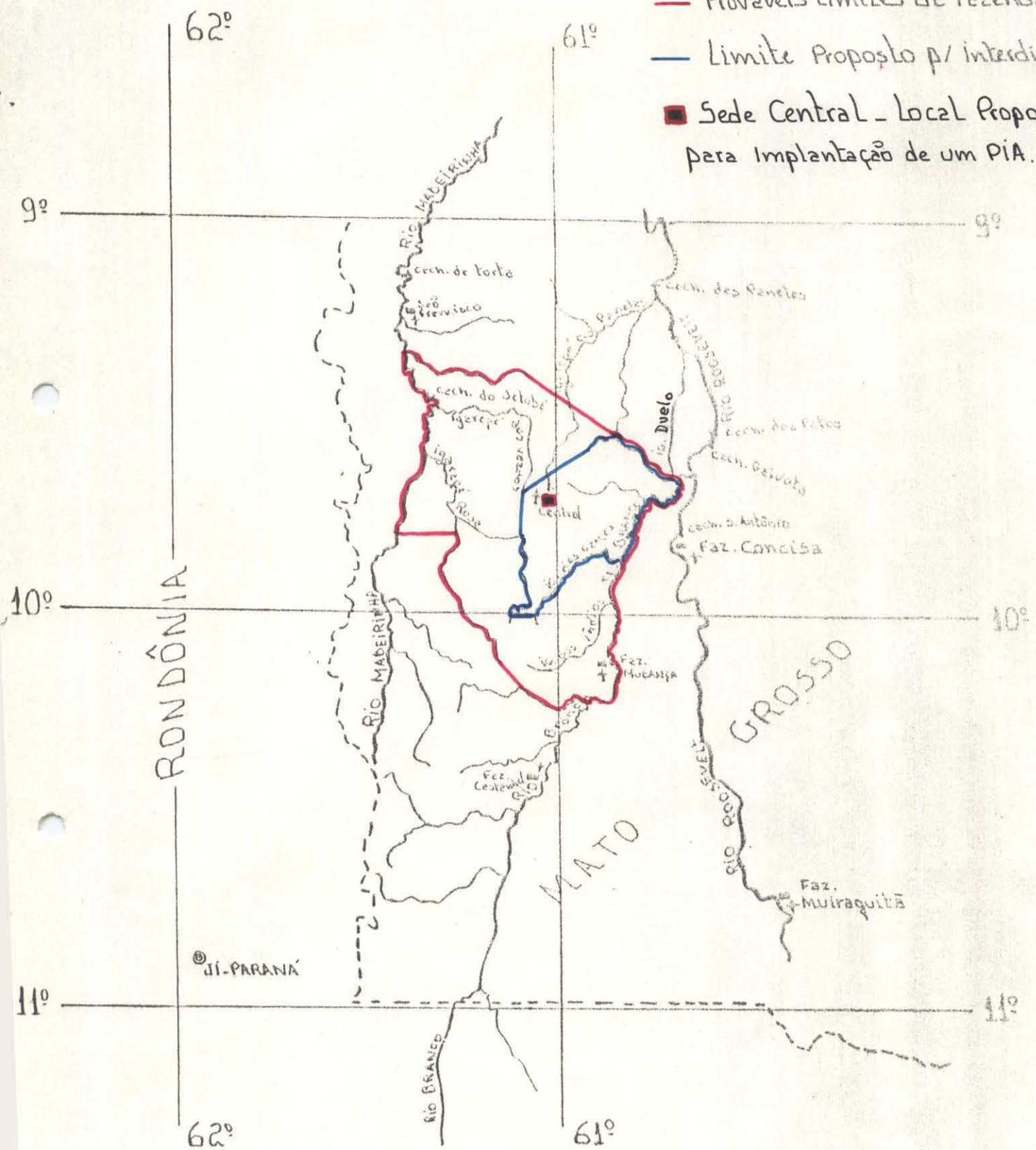
**Sul:** Deste ponto segue pelo Paralelo até sua interseção com o Igarapé das Garças, daí desce por este igarapé até a sua con- fluência com o Rio Branco.



# ANEXO 1

ÁREA DA FAZ. MUDANÇA  
— Proposta de interdição —

- Prováveis Limites de Fazenda
- Limite Proposto p/ interdição
- Sede Central - Local Proposto para Implantação de um PIA.



Escala 1:1 500 000

LEVANTAMENTO LINGUÍSTICO

- Sol kwara
- Lua tšixia
- Céu itaiwáka
- Estrela tšaik tata'
- Água ʔa:a(i)
- Pedra t:ita'
- Chuva ámena
- Barro tódžuka
- Lama tkwara (ei)
- + Fogo tata'
- Carvão tata' pondžai
- Fumaça tata' tinga
- Rio parané xetia
- Cachoeira tva
- Açude parane tšaoka
- Igarapé kúrumim arikwába
- Terra txiwa
- Macaco (káiwxúa) kaía
- Gavião kwanduxua
- Onça tšawere
- Veado lwxua
- Cachorro tšagwarônuinã
- Lagartixa tétšva
- Camaleão mbaudapéxua
- Marimbondo (grande) kabeta me tmã
- Borboleta (grande) pânēma
- Anta tapitira
- Porco do Mato tadžaxua
- Caititu taitua
- Paca ankutšaxua
- Rato ankutšaxua
- Abelha Oká ôa
- Cabeça ninñākanā (ei)
- Dente ndžirāñā (iei)
- Olho ndžia kwara (i)
- Mão ndžipōa (iei)
- Dedo ndžipó
- Calcenhar ndžipōta:zi
- Cabelo ndžiabai
- Boca tšidžuxua (iei)
- Barriga ndžibedeka:zi (ei)
- Costas nikupekēngā (iei)
- Ombro tšišateitba
- Pescoço tšitšure (ei)
- Testa idōwai
- Cintura (quadril) ndžikwa:zi (ei)
- Braço ndžiwapekēngā (iei)
- Cotovelo nipurē (iei)
- Orelha ndžirembie
- Batata da perna tšipentāwa (ei)
- Sobancelha ndžiepukēngā (iei)
- Pé tšipta (ei)
- Unha nipuēpēn
- Morder tšikutuwa' (ei)
- Andar mēmēndžia (iei)
- Sentar apōdžitēnai
- Comer tšurukaxua / kēmen aka
- Matar adžuka (ž)
- Quebrar (castanha) atšinged inñā
- Engolir ndžikó irua'
- Dormir ókingai
- Beber ai ôde
- Dormir (criança) ókinxinñā
- Espirro ninñā tšāma

- |                                    |                                 |
|------------------------------------|---------------------------------|
| - Enxame (abelha) ómãina           | - Gostoso piakiz                |
| - Berne ura                        | - Acabou awxiá                  |
| - Ovo (galinha) wírerôp: ié        | - Fazer Fogo (fricção) tate'iba |
| - Mel tate'ira                     | - Castanha inñanguja            |
| - Mamão karatamboxua               | - Fruto do Jatobá tšutaiba      |
| - Algodão mentutšua                | - Milho abatía                  |
| - Embira tēpiwíre                  | - Palha de Milho aríbadza (ei)  |
| - Árvore (embira) tēpirēñā +wiraba | - Grão de Milho abatía ranñā    |
| - Árvore (copaíba) tšurukuteitba   | - Cesto irue/ urudžuruia        |
| - Árvore (Sumaúma) iamondia        | - Flecha Wírepere (iei)         |
| - Xire (mochila) arua              | - Corda (arco) Wírepē           |
| - Colar (contas de tukum) mbaíra   | - Nó (em embira) apōadži        |
| - Machado tšixáwéré (i)            | - Embornal aruia                |
| - Facão iteki xía                  | - Escuro karuka                 |
| - Faca iteki éia                   | - Canela (perna) ndžiúbai       |
| - Nadar tšabebura                  | - Defecar ndžiaəai              |
| - Cocô de Criança óetániña (ei)    | - Pernilongo piú tenggoxunñā    |

Obs.: Estes dados foram obtidos junto à Rita na sede da Fazenda Mudança entre os dias 23.09 a 29.10.84;

Este grupo deve pertencer a alguma Família Linguística Tupi. Essa afirmação respalda-se no fato de algumas palavras de seu vocabulário pertencerem ao tronco Tupi.

Ex.: Tatá (fogo)

Quara (sol) Quaracy na língua Tupi

I:itá (pedra)

Paraná (rio)

Obs.: Em quase todas as palavras esse povo acrescenta no final a letra "i", ou "iéi".

CHEGADA DO "CUMPADRE" À FAZENDA MUDANÇA

Ao chegar à sede da Fazenda Mudança, logo iniciei a coleta de dados com a Rita, o Brás -na época o único trabalhador na sede -, e com os seringueiros próximos. Também dei uma volta pela mata nas imediações da sede, chegando até a um acampamento (tapiri) construído pelos índios para abrigar duas pessoas. Neste dia, eu estava com a Rita e com o Brás. Quando chegamos ao acampamento, um tapiri coberto com folhas de palmeiras e amarrado com cipós, eu revolvi com um pedaço de pau queimado as cinzas de um antigo fogo, espalhando-a pelo chão, feito isso, pedi a Rita que pisasse sobre elas; Depois, quebrei alguns arbustos em volta do tapiri e "limpei" o chão, revolvendo algumas folhas secas. Sob as folhas havia uma grande quantidade de cascas de castanhas e algumas espinhas de peixe. Tudo isso foi feito para deixar bem clara a nossa presença, principalmente a de Rita, caso os índios retornassem ou passassem por aquele acampamento.

A todas as pessoas que iam se adentrar na mata, eu pedía que, se por acaso, encontrassem com algum índio, informassem-me que a Rita se encontrava na sede da fazenda. Depois de vários pedidos em que as pessoas retornavam dizendo apenas terem vistos vestígios dos índios, eu, em conversa com um grupo de garimpeiros que estava indo pesquisar ouro nas proximidades da sede Central, pedi-lhes, no dia em que eles estavam indo para o mato, que, caso encontrassem com algum índio, informassem-me sobre a presença de Rita. Esse grupo de garimpeiros entrou na mata no dia 10/10. No dia 12/10, o Cumpadre, que tinha sido avisado por eles, chegou à sede da fazenda.

Por achar interessante, vou relatar como se deu a chegada deste índio à sede. No dia 12.10, eu estava lendo em frente à janela do quarto em que dormia quando, de repente, comecei a ouvir um toc-toc, então levantei os olhos para ver do que se tratava, pois a janela do quarto dá visão para a picada que leva até a mata, e vi após fixar bem os olhos, pois a figura era bem exótica, um homem,

sem camisa e com um pano envolvendo-lhe a cabeça (não dava para ver da cintura para baixo), batendo na estaca da cerca com um cabo de vassoura. No momento, exitei, mas logo corri ao encontro dele, já sabendo ser o tão esperado parente de Rita.

Chegando a alguns metros dele, que ainda se encontrava junto a cerca, eu o chamei, mas ele, repetindo sempre a palavra "má", não se moveu. Então, já meio incomodado, e tentando romper aquele pequeno espaço físico que parecia se agigantar à medida em que proferíamos algumas palavras e não éramos entendidos um pelo outro, eu gritei à Rita, que estava observando-nos da porta da cozinha, juntamente com dois empregados da fazenda, para que viesse nos socorrer. Porém, creio que por se sentir envergonhada pelo índio e por saber-se um deles, imagem tão denegrada pelo regionais, ela exitou em vir ao nosso encontro. Nesse interím, o índio já havia chegado para junto de mim e já tínhamos nos cumprimentado. A Rita só veio ao nosso encontro quando o pessoal que estava ao seu lado insistiu que ela fosse até nós. Ao chegar, ela disse que aquele não era o pai dela e o cumprimentou dizendo: "bom dia cumpadre!"

Depois de ter passado a emoção do encontro, eu comecei a prestar atenção ao cumpadre. Ele chegou à sede sózinho, trazendo como "arma", apenas um cabo de vassoura, sempre usado em suas visitas anteriores para defender-se dos cachorros. A sua indumentária, consistia em um "lenço", restos de um velho e sujo lençol, que ele trazia à cabeça; na cintura, ele usava uma espécie de cinta, meio frouxa, feita com muitas voltas de um cipó de média espessura que, por sua vez, era circundado parcialmente com fibras de embira; para cobrir o pênis e parte das nádegas, ele usava um pedaço de pano que preso à cinta, parecia um avental.

O seu tipo físico é interessante. Sua estatura, como a de Rita, não passa de um metro e meio, e, apesar de já ter alguns músculos flácidos, ainda é bastante forte; seu rosto é bem arredondado, e em suas faces há alguns fios de barba bem compridos, tem um bigode relativamente espesso e um cavanhaque que lhe dá um aspecto de um velho chinês; possui um nariz adunco e um pouco achatado, com

umas narinas bem dilatadas; os seus dentes, como os de Rita, são bem pequenos e juntos em sua arcada superior; nos seus pés, junto aos tornozelos, há algumas manchas que, acredito, ser proveniente de uma doença não muito rara no meio dos "brancos", onde a pele perde a pigmentação.

Depois de termos dado almoço ao Cumpadre, a Rita, que já sabia da minha intenção de presentear alguns índios com algumas ferramentas, pediu-me que eu as desse para o Cumpadre, então, eu os chamei até a casa onde dormíamos, e entreguei ao cumpadre um facão, machado, faca e uma lima. Ele ficou bastante contente. Mais tarde, quando ainda estávamos no quarto, a Rita me disse que o Cumpadre estava querendo ir embora, pois estava com vergonha por estar pelado perto do pessoal da fazenda e estes estarem rindo de seu "avental". Eu, que depois de esperar tanto tempo, não queria que ele fosse embora, dei-lhe um calção. Então, quando ele tirou o "avental" eu puder ver que ele usava uma proteção peniana que lhe cobria toda a extensão do pênis.

O Cumpadre, por insistência minha, ficou dormindo no mesmo quarto com a Rita, onde ambos conversavam todos os dias até algumas horas.

Durante todo o tempo em que o Cumpadre ficou na sede, quando de minha partida ele ainda se encontrava por lá, ele saiu quase que diariamente para o mato, só retornando ao entardecer. Nesses "passeios", o Cumpadre sempre arranjava algumas castanhas ou mel para trazer para a sede. No início, tudo que ele trazia ele entregava para o gerente, mas com o passar do tempo ele mudou, trazendo todos os achados para mim e para Rita. Para fazer isso e não magoar o pessoal da fazenda, toda vez que ele trazia alguma coisa, ia direto para a casa em que dormíamos e deixava o alimento por lá, indo depois ao encontro do pessoal como se não tivesse trazido nada.

A Rita que, no início, evitava conversar com o Cumpadre na frente dos outros, com o passar dos dias, mudou totalmente este comportamento, passando a lhe dedicar bastante carinho e cuidados. Pareceu-me que ela reencontrou o amigo perdido, ou seja, o elo com o seu povo que de repente, após vários meses de distância, estava ali, em toda a sua plenitude, representado pelo Cumpadre.